

**NÚMERO EM HOMENAGEM A
JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR.**



JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR.
(1904 – 1970)

MATTOSO CÂMARA: A FIGURA HUMANA E O PROFESSOR

Carlos Eduardo Falcão Uchôa
UFF/ILP do Liceu Literário Português

Quero, nestas páginas, lembrar Mattoso Câmara, com um depoimento sobre a sua figura humana e sobre o professor que ele foi. Neste depoimento, não posso deixar de falar de mim, pois o que me move, nesta nova oportunidade de homenageá-lo pelo centenário de seu nascimento, é testemunhar o convívio com o mestre: atitudes, opiniões e hábitos seus, que guardei na memória, no período em que estive muito próximo dele, entre 1958, então seu aluno na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, quando cursava o 3º ano de Letras Clássicas, e os anos de 1965-1967, ao atuar como seu assistente.

O historiador José Honório Rodrigues, muito amigo de Mattoso Câmara, desde a juventude, tendo sido agraciados ambos, em 1943, com uma bolsa de estudos nos Estados Unidos (Nova Iorque), pela Fundação Rockefeller, prestou, num número especial dedicado ao lingüista brasileiro pela revista *Vozes* (nº 5 de 1973), um depoimento extremamente significativo sobre ele e sua obra, em que lhe ressalta o caráter, a formação moral, além do seu valor intelectual, o seu saber, fazendo questão de ressaltar o quanto aprendeu com Mattoso Câmara a amar a Lingüística e a sentir ainda mais as extremas ligações das duas disciplinas humanísticas que cultivavam, a Lingüística e a História. Meu depoimento já traduzirá a visão do aluno, do discípulo, que teve o privilégio de se ter iniciado no estudo e no ensino da Lingüística com um mestre do valor intelectual e da experiência docente dele.

A primeira vez que vi Mattoso Câmara foi numa sala da Biblioteca Nacional, no final de 57, quando ainda aluno de Letras Clássicas. Celso Cunha, na época, diretor da Biblioteca, convidara a Eugenio Coseriu, lecionando naquele tempo na Universidade Nacional de Montevidéu, para proferir uma palestra, lembro-me bem, sobre a famosa tricotomia do lingüista romeno *sistema, norma e fala*. Fui chamado para a palestra pelo professor Rosalvo do Valle, que tinha sido meu professor de Latim. Ele era ex-aluno e amigo de Mattoso, seu colaborador no *Dicionário de fatos gramaticais* (assim se chamava a primeira edição do *Dicionário*, de 1956). Recordo-me de que o professor Rosalvo estava, à época, às voltas com a elaboração de verbetes da obra, chegando a ler

comigo alguns desses verbetes. Parecia-me uma obra bastante singular. O certo é que Mattoso já começava, a partir daí, a exercer sobre mim certa atração intelectual. Embora bem conhecida, muito adotada, no ginásio, nos anos 50, não estudara em sua *Gramática*, que integrava o *Curso de língua pátria*, obra escrita em colaboração com Rocha Lima, responsável pela *Antologia*. Fui mais à palestra na Biblioteca Nacional para ver, conhecer Mattoso Câmara.

Coincidência curiosa de que me daria conta bem mais tarde: vim a conhecer, no mesmo dia, no mesmo evento, a Mattoso Câmara e a Eugenio Coseriu, os dois lingüistas que certamente maior influência exerceram sobre a minha formação: Mattoso Câmara numa primeira fase, Coseriu, numa segunda; Mattoso falecido em 1970, Coseriu, em 2002. A palestra de Coseriu foi, evidentemente, para iniciados nos estudos lingüísticos modernos. Presentes algumas das figuras mais representativas da filologia brasileira da época: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha... Após a palestra, Mattoso teceu algumas considerações; creio que outros também. Minha atenção estava, no entanto, fixada nele, que anos mais tarde exporia para mim a sua posição ante a tricotomia coseriana, desnecessária, em sua avaliação crítica, em relação à conhecida dicotomia do mestre genebrino entre *língua* e *discurso*.

Pouco tempo depois, no ano letivo de 58, vim a ser, então, aluno de Mattoso Câmara. Éramos uns 7 ou 8 na turma. Já adquirira os *Princípios de lingüística geral*, tentando iniciar a leitura desta obra, mas pouco conseguindo avançar em suas páginas. O texto era, na verdade, ainda pouco acessível para mim. De modo que fiquei assustado quando Mattoso, na primeira aula, nos comunicou que o programa do curso era o seu livro. Mas logo também ele se mostraria um expositor claro, com raro senso didático, expondo com muito entusiasmo sobre um universo conceitual novo para todos nós. À medida que as aulas se sucediam (duas por semana, e sempre ocupando os 50 minutos), a leitura de *Princípios* tornava-se mais acessível.

O mestre brasileiro era uma figura circunspecta, de postura austera, embora de nenhum modo antipática, mas que, em sala de aula, projetava um sentimento espontâneo de informalidade, com um sorriso muito típico dele. Pilheriava mesmo às vezes. Era um professor assíduo, pontual, que não consultava nada durante as aulas (nem mesmo o relógio). Meia hora antes da aula, já estava sentado numa longa mesa existente no corredor do 8º andar do prédio da Faculdade Nacional de Filosofia (a atual Casa de Itália), na avenida Antônio Carlos, no centro do Rio de Janeiro. Não dispunha de uma saleta que fosse para aguardar a aula. Ficava, então, ali sentado entre os alunos, muitos sem saberem quem ele era. Nos dias das nossas aulas, vinha de Petrópolis, onde lecionava Português na Universidade Católica de lá. Mas não se mostrava cansado. Saliente-se que Mattoso Câmara, apesar da extensa e significativa obra

que nos legou, sempre teve de dar muitas aulas no ensino secundário, oficial e particular, para poder manter a família.

O curso de Lingüística me encantava, não só por ser Mattoso excelente professor, mas também porque se ia descortinando para mim, e meus colegas, um enfoque inteiramente novo sobre o estudo da linguagem: as funções da linguagem, as dicotomias saussurianas, a Fonologia, a abordagem, com fundamentação que desconhecia, sobre a classificação de palavras, o empréstimo lingüístico, a lei fonética e tanto mais exerciam, na visão e na palavra do lingüista, um imenso fascínio em mim – não esqueçamos, estávamos em 1958; hoje, funções da linguagem, por exemplo, é matéria do ensino médio. Se a iniciação à Lingüística atualmente se apresenta para os alunos de Letras, em grande parte, como uma novidade no estudo da linguagem, embora com uma divulgação bem maior de alguns de seus fundamentos, através de livros didáticos de Português, o que dizer de sua iniciação no final dos anos 50? Era um novo mundo mesmo de estudo que se abria para nós. Se Sousa da Silveira confessa que a leitura das *Lições de filologia portuguesa*, de Leite de Vasconcelos, é que lhe veio mostrar que havia, realmente, uma ciência da linguagem, posso afirmar que foi o curso de Lingüística feito em 1958, com Mattoso Câmara, que me convenceu de que a linguagem e o estudo de uma língua podiam ser objeto de um estudo científico.

Na época, o regime do curso era anual, com duas provas. Para se entrar em prova, como se dizia, tinha de fazer-se um estágio. Para cumpri-lo, Mattoso exigia a resenha de obras por ele indicadas. Lembro-me de que me coube a leitura de *A linguagem e a vida* de Bally, na tradução de Amado Alonso para o espanhol, e *A linguagem; introdução ao estudo da fala* de Sapir, na tradução do próprio Mattoso. Duas obras notáveis, muito importantes para a minha formação. Ele lia atentamente as resenhas, apondo, no final, sua impressão sucinta do trabalho. Já nas provas, fornecia, previamente, uma lista de dez pontos (um seria sorteado no dia); em cada um constava o que ele chamava de tese (por exemplo, “O vocábulo formal não é a unidade elementar ou forma lingüística mínima” ou “É a fixidez aparente da língua que a faz o meio primordial de comunicação social”) e o que ele chamava de problema, na verdade, uma questão prática, em geral, com base no grego ou no latim, pois éramos alunos de Letras Clássicas (por exemplo, “que morfemas podemos depreender em *tango* e *tetigi*?” ou “Por que a forma de imperativo *fac* não é constituída apenas de semantema?”).

Não fazíamos perguntas durante a aula de Mattoso. Havia dificuldade de dissipar alguma dúvida, porque nos achávamos muito crus ante uma matéria nova e complexa e também pelos comentários que ouvíamos acerca do professor: irritava-se com as perguntas, que prejudicariam o fluxo de sua exposição,

irrepreensivelmente concatenada. Ficávamos, então, temerosos de pedir-lhe esclarecimentos durante a aula. Ao seu final, contudo, mostrava-se receptivo a uma conversa.

A carreira de Mattoso Câmara, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, não pode deixar de ser comentada, brevemente, neste depoimento, pois dela fui aluno num período conturbado da vida do lingüista na instituição.

Começemos por lembrar que ele tinha sido professor de Lingüística, em 1938, na antiga Universidade do Distrito Federal, extinta no início de 1939; em seu lugar, instalou-se, neste mesmo ano, a Faculdade Nacional de Filosofia, em cujo currículo de Letras não se incluía a Lingüística. Só em 1948, depois de cursos de especialização nos Estados Unidos (1943-44), é que Mattoso Câmara é convidado para professor da disciplina de Lingüística na Faculdade Nacional, a princípio apenas para os alunos de Letras Clássicas, tornando-se, a partir daí, o pioneiro do ensino regular de Lingüística no país. Durante pouco mais de dez anos, ficou sendo o único curso de Lingüística ministrado no Brasil. Em 1949, concluiu o seu doutorado em Letras Clássicas com a tese pioneiríssima *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, e, em 1952, obtém a título de livre-docente em Língua Portuguesa, com a tese, também com a sua marca pioneira, *Contribuição para uma estilística da língua portuguesa*.

Apesar de, em pouco tempo, de professor da Universidade do Brasil, ter defendido duas teses pioneiras; apesar de sua correção exemplar na atividade docente, sempre exaltada pelos seus alunos, que, com muita freqüência, o elegiam paraninfo; apesar do altamente expressivo número de publicações com que, a cada ano, enriquecia a sua produção acadêmica; apesar de se ter tornado um nome com projeção internacional, Mattoso Câmara permaneceu, ao longo de sua vida acadêmica, como mero regente ou responsável por uma disciplina, nunca tendo conseguido que a Lingüística viesse a ser uma cátedra; morreu como professor-adjunto, não participando da Congregação, sequer das reuniões departamentais – restava-lhe, então, o corredor...

Em 1956, ano em que ingressei na Faculdade, abre-se o concurso para a cátedra de Língua Portuguesa, vaga com a aposentadoria de Sousa da Silveira, que, ressalte-se, nutria grande admiração por Mattoso Câmara: incentivou-o a publicar o livro, que se chamaria *Princípios de lingüística geral; como fundamento para os estudos superiores de língua portuguesa* (1941), que teria como base as aulas do curso, a que o próprio Sousa tinha assistido, em 1938, na Universidade do Distrito Federal, chegando mesmo a prefaciar a obra com um texto altamente significativo sobre a importância da Lingüística no currículo de Letras e sobre o valor intelectual do autor. Mattoso se candidata à cátedra com a tese *Uma forma verbal portuguesa (estudo estilístico-gramatical)*.

Inscreveram-se, também, o já eminente filólogo Celso Cunha, responsável pelo ensino de Português no Curso de Jornalismo da Faculdade Nacional, livre-docente em Literatura Portuguesa, e Amália Beatriz Cruz da Costa, livre-docente em Língua Portuguesa, que respondia interinamente pela cátedra. Posso apenas testemunhar que, na época, chegavam a nós, estudantes, comentários, veiculados também na saudosa Livraria Acadêmica (hoje, Padrão), então ponto de encontro de professores e alunos de Letras do Rio de Janeiro, de que Mattoso não era a pessoa indicada para a cátedra de Língua Portuguesa; ele era, alegava-se, de Lingüística, ou seja, um estudioso que se situava no plano geral das idéias sobre a linguagem, e não propriamente um especialista em Língua Portuguesa. O certo é que, por questões de política universitária da época, Mattoso Câmara resolve não concorrer à cátedra de Língua Portuguesa. Muito rapidamente, fui esclarecendo-me, pelo maior conhecimento da produção mattosiana, sobre seu permanente interesse pelo estudo e pelo ensino do Português. Era, há muito, professor de língua materna no ensino médio e superior (Católica de Petrópolis); autor de duas séries didáticas (*Elementos da língua pátria*, nos anos 30, e *Gramática, em Curso da língua pátria*, esta, dos anos 40, que, através de edições sucessivas, exerceu forte influência sobre o ensino do vernáculo, no Rio de Janeiro, nos anos 40 e 50); defendeu, como já se disse, duas teses de inegável valor sobre a Fonêmica e a Estilística da Língua Portuguesa, além de responsável por outros inúmeros e importantes ensaios sobre a língua, como os estudos estilísticos sobre Machado de Assis, a rima na poesia brasileira e o verso romântico; enfim, foi ele, e a primeira edição do seu *Dicionário*, justamente de 1956, já evidenciava isto, quem descreveria a língua em outras bases, com reflexos evidentes no ensino universitário de Língua Portuguesa, quando os estudos sincrônicos ganham novo interesse. Não foi, então, por falta de uma capacitação altamente qualificada que Mattoso Câmara não veio a concorrer à cátedra de Língua Portuguesa, em 1956. Continuou, no entanto, a exercer a sua docência de Lingüística na Universidade, com todo o empenho, prosseguindo, com a mesma determinação e seriedade, em suas pesquisas, voltadas, sobretudo, para o campo da... Língua Portuguesa.

Mas por que, na verdade, a resistência a Mattoso Câmara?

A obra dele, nas décadas de 40, 50 e 60, contrastava nitidamente com as tendências mais expressivas dos estudos então chamados filológicos desenvolvidos em nosso país: os relativos à história da língua e ao estudo da língua literária, do século XVI aos inícios do século XX, de orientação, ambos, atomista. Eduardo Portela, que foi Diretor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, continuação da Universidade do Brasil, em lúcido artigo, dos anos 70, sobre o lingüista brasileiro, atribui precisamente ao pioneirismo de Mattoso esta resistência:

Suas aberturas teóricas e metodológicas colheram a universidade brasileira – sempre retardatária ou inerte – de surpresa. Se o surto provocado pelo novo ideário abalou a sonolência reinante, a lição inovadora não encontrou a acolhida correspondente. O estudo das linguagens era uma contradança tranqüila que reunia de um lado a Gramática sobrevivente, e sempre prestigiada, e do outro a Filologia, gloriosa e fáustica, alçada ostensivamente à condição de carro-chefe das “ciências do espírito”. A instituição universitária, que patrocinava essa estranha contradança, foi para Mattoso Câmara a república do silêncio. Mas a sua ciência se impôs e a sua lição expandiu-se.¹

Mas mestre Mattoso Câmara, como disse, jamais esmoreceu, continuando a trabalhar e a pesquisar com afinco, como se pode constatar, acompanhando, ano a ano, a sua produção acadêmica; e crescia a projeção nacional e internacional de seu nome, sobretudo depois da inclusão obrigatória da Lingüística no currículo mínimo de Letras, em fins de 1962. O interesse pelos estudos lingüísticos modernos, iniciados por Saussure, cresceria, a partir de então, expressivamente entre nós.

Mattoso Câmara torna-se, então, o grande nome da década de 60 (e ainda na de 70, embora já falecido) no cenário dos estudos sobre a linguagem em nosso país. Ele era o nosso lingüista. Participa de uma verdadeira peregrinação por este país, figura obrigatória em quase todos os seminários e cursos que passaram a se suceder em diversos estados brasileiros.

Assim, pôde ele experimentar também grandes alegrias em sua carreira. O coroamento dela, segundo ele próprio confessa em carta que me dirigiu de Bucareste (de 4 de setembro de 1967), a que já fiz referência nos *Dispensos* que dele organizei (2004: 18-19)², se deu por ocasião de sua escolha para membro do Comitê Internacional Permanente de Lingüistas, reconhecimento inequívoco do seu valor e do prestígio internacional que alcançara. Dizia-me, com imenso e natural júbilo:

com completa surpresa para mim fui eleito membro do Comitê Internacional Permanente de Lingüistas, como representante da América Latina, ao lado de cinco lingüistas de acordo com o plano de ampliar o quadro do Comitê. Considero intimamente isso uma espécie de coroamento de minha carreira, tão cheia de vicissitudes em meu país: ser proposto espontaneamente por um comitê de 12 membros, reunindo as mais prestigiosas figuras internacionais da lingüística contemporânea e ser aceito pacificamente por uma assembléia de 1500 lingüistas do mundo inteiro. Assim, o Brasil vai figurar no Comitê, como o único da América Latina...

Um ano e pouco depois, Mattoso Câmara se aposenta na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sem ter atingido a compulsória; na época, o habitual, no ensino universitário, era a aposentadoria se dar ao se chegar aos 70 anos.

Em 1965, com o aumento expressivo do número de alunos e por ter de viajar com frequência para ministrar cursos no exterior, Mattoso Câmara consegue, finalmente, obter a contratação de um professor-assistente, com a aprovação do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da UFRJ. Fez-me o convite por telefone. Tomado totalmente de surpresa, disse-lhe que gostaria de conversar com ele. Em sua casa, ponderei-lhe que me julgava ainda muito pouco preparado para a função de substituí-lo em seus impedimentos, afinal, lecionava Lingüística na Universidade Federal Fluminense há apenas dois anos, era uma responsabilidade demasiada para mim. Depois de me ter ouvido, Mattoso, mais do que incisivo, foi categórico, como, na verdade, era sempre em situações de decisão; não aceitava a minha recusa. Quero, justamente, alguém jovem, que tenha sido um bom aluno comigo, a quem possa ir orientando, que tenha o domínio da tradição gramatical e que pretenda ampliar o estudo sobre a linguagem, como sei que você tem feito, argumentou ele.

Meu convívio com Mattoso estreitou-se evidentemente e, desnecessário dizer, foi muito enriquecedor para mim. Claro, poderia ter sido mais, se não estivesse no início da minha vida de magistério, tendo de trabalhar em vários outros lugares, dispersando-me tanto, na luta pela sobrevivência, num país sempre muito pouco estimulador a quem quer dedicar-se ao estudo. Assim, nunca pude freqüentar o Museu Nacional para ver de perto o trabalho que Mattoso lá desenvolvia no Setor Lingüístico, ou seja, conhecer este outro aspecto de sua vida de estudo junto aos antropólogos. Foi no Museu que Yonne Leite, ex-aluna do curso de Neolatinas da Faculdade Nacional, sem ter, contudo, sido lá aluna de Mattoso, pois a Lingüística só foi incluída no currículo deste curso em 1958, foi bater, em fins de 1959, para transmitir ao lingüista brasileiro a sua disposição de estudar as línguas indígenas brasileiras. No Museu, Yonne Leite, tão bem acolhida por Mattoso, faria a sua carreira de lingüista, tornando-se uma das nossas mais abalizadas autoridades neste campo de pesquisa. Em texto recente (Leite, 2004: 9-33)³, a referida lingüista relata o seu convívio, durante dez anos, com Mattoso, e fala do trabalho por ele lá desenvolvido (ler especialmente o item “A reinvenção das línguas indígenas”, pg. 20-27).

No estreitamento de minha relação com Mattoso, passei a freqüentar a sua casa (na Gávea), a me relacionar com a sua família, a conhecer, assim, alguns de seus hábitos. A Lingüística era o centro do seu mundo. Ouvia, às vezes, música sinfônica. Mas gostava sobretudo de conversar sobre lingüística: sobre os lingüistas estrangeiros que conhecera (por exemplo, o então

jovem Chomsky), congressos de que participara, artigos que estava escrevendo ou estava para escrever, episódios de sua vida acadêmica... Aprendi muitíssimo com ele sobre as obras dos principais estudiosos brasileiros da linguagem. Pena não ter gravadas as sínteses críticas que costumava fazer de vários trabalhos de antepassados e contemporâneos seus. De cada trabalho elucidava o objeto, o objetivo e o seu valor no cenário dos estudos sobre a linguagem entre nós. Passava-me a impressão de ter lido tudo de todos, desde uma obra de maior peso acadêmico até uma de intenção didática. Não escondia a sua admiração maior por Said Ali, Antenor Nascentes e Sousa da Silveira. Nas resenhas e notícias, inúmeras, que escreveu a propósito de publicações de amigos e colegas, pode-se constatar a sua preocupação de ressaltar sempre os aspectos positivos delas e a intenção de manifestar, apesar dos reparos feitos, o apreço, a afeição mesmo por vários estudiosos do país. É só ler, por exemplo, as doze breves notícias que redige para *A Cigarra* (1956-1960), objeto de um estudo meu (Uchôa: 2000).⁴

Mattoso Câmara manifestava um carinho particular pelos seus ex-alunos, mormente pelos que continuavam a procurá-lo. Preocupava-se com alguns deles: se o casamento não ia bem, se estava em dificuldades... Estava sempre mandando separatas, para o exterior, para os amigos brasileiros e também para ex-alunos. Entusiasmava-se com qualquer conquista deles: aprovação em concurso, um artigo, uma entrevista... Ficava feliz quando os alunos comentavam com ele que gostavam de minhas aulas, ao substituí-lo.

Redigia seus textos sem fazer rascunho, com extrema fluência, sempre na máquina, com uma cópia, sem se atormentar com o burilamento da frase. Quando se levantava para qualquer consulta, ia direto ao local da sua estante onde estava o livro em que encontraria a citação que desejava. Detinha uma memória prodigiosa, na verdade. Sabia de cor vários sonetos de Bilac e de Raimundo Correia.

Como lingüista se interessava muito pela realidade oral viva, corrente, da língua, mas tinha preferência pela leitura de nossos poetas parnasianos e simbolistas e, sobretudo, era leitor assíduo de Machado de Assis, cuja obra lhe mereceu sugestivos ensaios estilísticos. Dos modernos, só me lembro de ele mencionar, com simpatia, a Manuel Bandeira. Mário de Andrade também era lembrado, mas pelas suas considerações metalingüísticas. Era, então, o lingüista aberto às inovações da língua, mas era também o lingüista que cultivava a tradição literária.

Mattoso tinha um conceito próprio de professor-assistente: devia estar presente às aulas dele (o curso era de sua responsabilidade!), ajudá-lo nas tarefas de correção de trabalhos e provas e substituí-lo quando fosse preciso. Lu-

crei muito com tal orientação: ia acompanhando seus cursos, ficando ciente de alguns posicionamentos dele, obras que citava...

O nosso relacionamento nem sempre foi fácil. Diria, dada a diferença de idade entre nós, que foi um pai autoritário, severo. Assim, não aceitou bem a minha saída de casa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A UFRJ, na verdade, não me oferecia um contrato de trabalho confiável. Mas continuamos ligados por fortes laços afetivos. Sempre me estimulou muito a escrever (não quero um assistente ágrafo!), a ir a congressos, mas sobretudo a estudar. Tem estudado o quê, perguntava-me às vezes?

Mattoso era, no fundo, um homem tímido. Uma vez me comunicou que não iria à Universidade por uns quinze dias. Pensei que fosse alguma viagem; tratava-se, contudo, de uma operação a que se submeteria. Só num segundo momento, esclareceu-me a causa do afastamento e, a pedido meu, mencionou o nome do hospital em que se internaria. Da cirurgia feita, dela só fiquei sabendo pela sua filha, ao ir visitá-lo no hospital.

Como quase todo homem tímido, ele, às vezes, se mostrava agressivo, mormente em situações em que, por qualquer razão, julgava a sua autoridade desrespeitada, como na ocasião, creio que em 1967, em que um grupo de estudantes irrompeu no salão da aula (mais de 100 alunos), querendo interrompê-lo, para falar aos colegas. Mattoso não consentiu: na verdade, não admitia a sua aula ser interrompida e, como os estudantes insistissem, reagiu descontroladamente, a ponto de passar mal, até que, por mediação minha e de alguns alunos, o grupo se retirou. Tal episódio foi, aliás, aproveitado por razões políticas da época, por um jornal, para mostrar a falta de respeito que campeava nas universidades. Mattoso ficou indignado com a exploração pública deste fato, pois sua reação não tinha outra explicação que a de não permitir (nunca permitia!) a interrupção de sua aula por pessoas estranhas ao espaço da sala de aula.

Encerrando este meu desprezioso depoimento sobre Mattoso Câmara, diria, como palavra final, que ele era um homem que tinha convicção de seu valor, o que não o tornara, de nenhum modo, arrogante. Seu temperamento, às vezes irritadiço sim, jamais ofuscou para mim o que ele representava para o estudo da linguagem em nosso país e para o ensino universitário brasileiro. Com o correr dos anos, minha admiração pelo professor e pelo intelectual só fez crescer: pela sua seriedade, pela sua dedicação ao estudo, pela sua competência, pelo seu zelo na atividade docente, pela sua disponibilidade de ajudar os que o procuravam atrás de uma palavra orientadora, pela sua alegria ao ficar ciente de algum êxito de um ex-aluno. Mattoso Câmara, soube, em sua época, pensar diferentemente a linguagem em nosso país. A autonomia da Linguística, em relação à tradição dos estudos da linguagem, alcançada institucionalmente entre nós só a partir do ano letivo de 1963, foi conseguida, em boa parte,

graças à sua intensa atividade de pesquisador e de professor, à maneira de uma missão que ele se impunha, e ao prestígio decorrente que ele ia alcançando. Todos que gostamos de estudar o fenômeno lingüístico no Brasil, com intenções e perspectivas diversas, ficamos, por isso mesmo, tanto a dever a ele.

Naquele final de tarde quente, de 4 de fevereiro de 1970, quando um pequeno grupo de amigos e colegas compareceu ao seu sepultamento, no cemitério de São Francisco Xavier, tinha eu já a certeza do que, em 1975, Eduardo Portella então vaticinaria, e, hoje, 34 anos após a sua morte, todos nós reconhecemos: a sua ciência se imporia e a sua lição se expandiria.

Referências Bibliográficas

1. Universo da linguagem em Mattoso Câmara. In: *7º Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Novacultura, 1975, p. 71.
2. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Nova edição revista e ampliada. Carlos Eduardo Falcão Uchôa (org.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
3. LEITE, Yonne. Joaquim Mattoso Câmara Jr.: um inovador. In: *D.E.L.T.A.*, vol 20: especial – 2004 (Homenagem a Mattoso Câmara, 1904-1970), p. 9-33. São Paulo: EDUC, 2004.
4. UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. A colaboração de Mattoso Câmara em *A Cigarra* (1957-1960). In: *Confluência*. Rio de Janeiro: ILP do Liceu Literário Português, nº 20/2º semestre de 2000, p. 45-54.